







ARTIGOS ORIGINAIS

Posturas e conhecimentos de educadoras em relação aos primeiros socorros na escola

*Attitudes and knowledge of educators
regarding first aid at school*

*Posiciones y conocimientos de los educadores
sobre primeros auxilios en la escuela*

 Felipa Rafaela Amadigi*
 Thaila Antunes Ploêncio**
 Monica Motta Lino***
 Rosani Ramos Machado****
 Tanise Gonçalves de Freitas*****

RESUMO

Os acidentes em ambiente escolar são comuns no cotidiano das educadoras e, de modo geral, são estes os principais responsáveis pelo primeiro atendimento aos estudantes. O conhecimento e a postura das educadoras podem influenciar diretamente no desfecho da situação atendida e por essa razão, este estudo teve como objetivo conhecer como as educadoras de uma escola municipal reagem diante de uma situação de urgência/emergência no cotidiano escolar. A metodologia adotada foi a pesquisa qualitativa, de abordagem descritivo-exploratória. Participaram 16 educadoras de uma escola municipal. A coleta de dados deu-se por meio da aplicação de questionários, discutidos pela análise de conteúdo. Os resultados indicaram que as principais posturas adotadas pelas educadoras foi chamar o Serviço de Atendimento Móvel de Urgência (SAMU) ou os pais do aluno. Quanto aos acidentes mais frequentes, destacam-se as fraturas e os traumas. A maioria das educadoras não se sente segura em atuar em situações que requeiram primeiros socorros. As situações em que elas mais realizam a conduta adequada são em casos de convulsões, seguidos por parada cardiorrespiratória, fratura na coluna cervical, contusão, dificuldade respiratória e, por fim, desmaios e hemorragias. Esse estudo revelou a dificuldade das educadoras em lidar com as situações que requeiram primeiros socorros. Tal dificuldade foi associada à falta de conhecimento para a intervenção e a falta de habilidade para prestar os primeiros socorros. Depreende-se, portanto, que há desconhecimento por parte destas educadoras sobre as técnicas adequadas em casos

* Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, Brasil. E-mail: felipaamadigi@yahoo.com.br.

** Secretaria Estadual de Saúde de Santa Catarina, Hospital Regional Homero de Miranda Gomes, São José, Brasil. E-mail: thailantunes@gmail.com.

*** Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, Brasil. E-mail: monica.lino@ufsc.br.

**** Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, Brasil. E-mail: rosani.ramosmachado57@gmail.com.

***** Secretaria Municipal de Saúde de Florianópolis, Florianópolis, Brasil. E-mail: tanise.freitas@gmail.com.

de acidentes na escola. Destaca-se a importância de novos estudos nesta área e, principalmente, de capacitações em primeiros socorros para as educadoras.

Palavras-chave: Primeiros Socorros. Serviços de Saúde Escolar. Enfermagem em Saúde Pública. Atenção Primária à Saúde.

ABSTRACT

Accidents in the school environment are common in the daily lives of educators, and in general they are the main responsible for the first care of students. The knowledge and attitude of the educators can directly influence the outcome of the situation attended, for this reason, this study aimed to know how the educators of a municipal school react in the face of an urgent/emergency situation in the school routine. The methodology adopted was qualitative research, with a descriptive-exploratory approach. 16 educators from a municipal school participated. Data collection took place through a questionnaire, discussed by content analysis. The results indicated that the main attitude adopted by the educators was to call the Emergency Mobile Care Service (SAMU) or the student's parents. As for the most frequent accidents, fractures and trauma were highlighted. Most educators do not feel safe in acting in situations that require first aid. The situations in which they perform the most appropriate conduct are in cases of convulsions, followed by cardiorespiratory arrest, fracture in the cervical spine, contusion, respiratory difficulty and finally fainting and hemorrhages. This study revealed the difficulty of educators in dealing with situations that require first aid. Generally associated with the lack of knowledge for the intervention and the lack of ability to provide first aid. In short, it was identified that there is a lack of educator's knowledge about the appropriate techniques in cases of accidents at school. The importance of new studies in this area and especially of first aid training for educators is highlighted.

Keywords: First Aid. School Health Services. Public Health Nursing. Primary Health Care.

RESUMEN

Los accidentes en el ambiente escolar son comunes en el cotidiano de las educadoras y en modo general, son estos los principales responsables por el primer atendimento a los estudiantes. El conocimiento y la postura de las educadoras puede influenciar directamente en el despacho de la situación atendida y por esa razón, este estudio tuvo como objetivo conocer cómo las educadoras de una escuela municipal reaccionan delante de una situación de urgencia/emergencia en el cotidiano escolar. La metodología adoptada fue la pesquisa cualitativa, de la abordaje descriptiva-exploratoria. Participaron 16 educadoras de una escuela municipal. La colecta de los datos fue dada por el cuestionario, discutidos por el análisis del contenido. Los resultados indicaron que las principales posturas adoptadas por las educadoras fue llamar el Servicio del Atendimento Móvil de Urgencia (SAMU) o los padres de los alumnos. Cuanto a los accidentes más frecuentes, se destacan las fracturas y los traumas. La mayoría de las educadoras no se sienten seguras al actuar en situaciones que necesitan los primeros socorros. Las situaciones en que ella más realiza la conducta adecuada son en casos de convulsiones, seguidos por las paradas cardiorrespiratorias y, por fin, desmayos y hemorragias. Ese estudio reveló la dificultad de las educadoras en lidiar con las situaciones que necesitan primeros socorros. Tal dificultad fue asociada a la falta del conocimiento para la intervención y la falta de habilidad para proporcionar los primeros socorros. Por eso, hay desconocimiento por parte de estas educadoras sobre las técnicas adecuadas en casos de accidentes en las escuelas. Se destacan la importancia del nuevos estudios en esta área y, principalmente, de las capacitaciones en los primeros socorros para las educadoras.

Palabras clave: Primeros auxilios. Servicios de Salud Escolar. Enfermería en Salud Pública. Atención Primaria de Salud.

INTRODUÇÃO

Acidentes no ambiente escolar são frequentes, considerando que a escola é um espaço em que as crianças passam boa parte do seu dia e possui uma grande concentração de alunos. A incapacidade de avaliar ou prever as consequências de suas atitudes, além de sua inquietude, curiosidade, vontade de brincar comuns da infância, tornam a criança suscetível a acidentes.

Os aspectos relacionados ao seu desenvolvimento físico, psíquico, cognitivo e de relacionamentos são fatores determinantes ao acontecimento de acidentes. Assim sendo, a segurança do espaço físico escolar deve ser uma constante preocupação dos responsáveis, professores e direção da escola; mas além deles, da equipe de saúde e, especialmente, da enfermagem — que incumbe em suas práticas a responsabilidade pelo atendimento às demandas de urgência e emergência, bem como, educação em saúde de diferentes equipamentos sociais, como o espaço escolar (CABRAL *et al.*, 2020; SENA; RICAS; VIANA, 2008).

Os acidentes, em acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS), são acontecimentos indesejados, gerados pela ação externa e que acontecem de maneira inesperada e repentina, podendo causar danos. Qualquer acidente tem como causa um agente externo, um desequilíbrio entre o ambiente e o indivíduo, podendo levar a lesões. Os primeiros socorros são os cuidados imediatos prestados à vítima de acidentes ou de mal súbito, com o objetivo de manter as funções vitais e evitar o agravamento de suas condições, aplicando medidas e procedimentos básicos até a chegada de assistência qualificada (MOHAJERVATAN *et al.*, 2020).

A OMS salienta que os acidentes estão entre as primeiras causas de óbito nos países desenvolvidos e em desenvolvimento, representando ao lado da violência, o primeiro lugar em morbimortalidade de crianças e adolescentes entre 5 e 19 anos. Dados internacionais apontam que dos acidentes com crianças em idade escolar, 10 a 25% ocorrem na escola ou em seu entorno. No Brasil, levando em consideração a mesma faixa etária, 6 a 13% dos acidentes ocorrem em instituições de ensino (EICHEL; GOLDMAN, 2001; SENA; RICAS; VIANA, 2008).

As quedas são apontadas como o agravo mais prevalente e a principal causa de lesões traumáticas cerebrais sendo a principal causa de óbitos de jovens entre 10 e 29 anos e que representa 40% das mortes em crianças entre 5 a 9 anos e 18% entre 1 e 4 anos. A mortalidade por causas externas tem aumentado em menores de 10 anos, proporcionalmente nas últimas décadas, e este mesmo fator é responsável por quase metade das mortes de adolescentes de 10 a 14 anos no Brasil (SOARES; MAGALHÃES, 2012).

Desta forma, é comum que as educadoras presenciem acidentes no âmbito escolar e tenham que prestar os primeiros socorros. Entretanto, muitas vezes, não se sentem capacitadas ou seguras para tal ação e não recebem, em sua grande maioria, treinamento em primeiros socorros durante a sua formação. A qualificação desse profissional para a realização das técnicas dos primeiros socorros é essencial, uma vez que esta é uma técnica indispensável para reduzir as chances de sequelas ou agravamento das lesões por negligência ou manejo inadequado da vítima. Assim, a competência de educador em saúde, em especial desempenhado por enfermeiros da área de urgência/emergência tem sido uma necessidade premente (CABRAL *et al.*, 2020).

A educação é um processo que acontece ao longo da vida, em locais e momentos diversos, e está diretamente relacionada à aquisição e articulação do conhecimento popular e científico, sendo uma inclusão, renovação e formação de novos conhecimentos. A educação em saúde é de grande importância na promoção da saúde, uma vez que o conhecimento sensibiliza a população a desenvolver medidas que beneficiam a saúde. A Enfermagem tem papel fundamental como educadora em saúde, incluindo a capacitação em primeiros socorros, tendo como objetivo o ensinamento de pequenas ações que podem salvar vidas e minimizar as chances de sequelas no futuro. Nessa perspectiva, a educação em saúde em primeiros socorros a educadoras é essencial para melhorar o atendimento às crianças em situações de urgência/emergência (ALSHAMMARI, 2021; ASSADECK *et al.*, 2020).

Considerando a dimensão da enfermagem em educar em saúde, ou seja, na necessidade de instrumentalizar os professores sobre a importância do conhecimento de primeiros socorros, este estudo tem como objetivo conhecer como as educadoras de uma escola municipal de Florianópolis, Santa Catarina, Brasil, reagem diante situações de urgência/emergência no cotidiano escolar.

METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa descritivo-exploratória, de abordagem qualitativa. O local de realização da pesquisa foi uma escola municipal de ensino localizada na cidade de Florianópolis, Santa Catarina, Brasil.

A coleta de dados foi realizada entre 2018 e 2019, a partir de questionário autoaplicável com questões abertas e fechadas. O instrumento continha três etapas, sendo que primeira apresentava perguntas para a caracterização sociodemográfica, tais como sexo, idade, área de atuação, tempo de exercício profissional, participação em treinamento em primeiros socorros, vivência de situações de urgência/emergência e procedimentos realizados. A segunda etapa consistia em perguntas referentes a posturas diante das situações que supostamente necessitam de intervenção. E, por fim, a terceira etapa versava sobre os conhecimentos em primeiros socorros, no qual se buscou o entendimento sobre como as educadoras da educação reagem em casos de acidentes na escola.

Participaram da pesquisa 16 educadoras vinculadas à escola e que se encontravam na reunião de professores, em que foram explicados os objetivos e o método do estudo. Foram excluídas as educadoras que, no período da coleta de dados, estavam de licença médica ou férias. Nesse ambiente foram entregues os questionários e Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para serem recolhidos posteriormente. Foram incluídos no estudo somente as educadoras que entregaram o questionário e o TCLE devidamente respondidos. O questionário possuía 21 perguntas abertas e fechadas, sendo sete perguntas para caracterização do profissional, sete perguntas sobre as posturas adotadas por eles frente às situações de emergências e sete perguntas em relação aos conhecimentos em primeiros socorros.

Adotou-se a análise do conteúdo e, para a organização dos dados, utilizou-se o *software* Microsoft Excel[®], no qual as informações coletadas foram transcritas, organizadas e analisadas. A partir disso, elencou-se categorias para a investigação das posturas e dos conhecimentos dos profissionais frente às situações de urgência/emergência comuns no cotidiano escolar.

A pesquisa teve início somente após autorização da escola e aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEPSH) da Universidade Federal de Santa Catarina sob parecer nº 2.572.279, com o Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE) nº 84655418.5.0000.0121, respeitou os aspectos éticos que envolvem pesquisas com seres humanos conforme preconizado pela Resolução nº466/12 do Conselho Nacional de Saúde. Para manter a confidencialidade sobre os participantes, os questionários foram identificados pela letra Q, seguido pela sequência numérica de 1 a 16, além de preservação do acervo sob os cuidados dos pesquisadores.

RESULTADOS

Caracterização dos participantes

Participaram do estudo 16 profissionais da escola, assim distribuídos: 13 do sexo feminino e três do sexo masculino. A faixa etária dos participantes variou de: até 30 anos (n=2), de 31 a 40 anos (n=5), de 41 a 50 (n=6) e acima de 50 anos (n=3). O tempo de exercício profissional variou de um ano e meio a 32 anos, sendo que 21,4% possuíam menos de cinco anos de profissão, 14,3% de 6 a 10 anos, 14,3% de 11 a 15 anos, 21,4% de 16 a 20 anos, 14,3% de 21 a 25 e 14,3% de 30 a 32 anos de exercício. Quanto ao treinamento em primeiros socorros, nove afirmaram que nunca tiveram nenhum tipo de treinamento e sete afirmaram que sim, entretanto, estes treinamentos ocorreram há mais de dez anos.

Após o levantamento, análise do perfil dos participantes e coleta dos dados por meio dos questionários, emergiram duas categorias: posturas adotadas em situações de urgência/emergência e conhecimentos em primeiros socorros.

Posturas adotadas em situações de urgência/emergência

Quanto à vivência de situações de emergência na escola, nove profissionais negaram ter vivenciado estes tipos de situações, enquanto sete já presenciaram, destacando-se as fraturas (n=5), traumas (n=4), desmaios (n=2) e crise epiléptica (n=1). Nesses casos as principais condutas foram chamar o SAMU (n=3), chamar os pais (n=2) ou em caso de fratura imobilizar o local afetado (n=1).

“Já presenciei braço quebrado, perna quebrada, diversas torções, desmaios, entre outras. O que foi feito nesses casos foram os procedimentos básicos e chamado o SAMU” (Q4).

Quando questionados sobre a verificação da presença de sinais vitais, somente cinco responderam que não sabem verificar, enquanto 11 responderam que sabem, citando principalmente a verificação do pulso (n=10), respiração (n=7) e nível de consciência (3). “Sei verificar a respiração, batimentos cardíacos, reflexos, pupila e a coloração da pele” (Q14).

Sobre os acidentes mais frequentes na escola em que trabalham, foram destacadas as quedas (n=7), traumas (n=7) e fraturas (n=2). Quando perguntados sobre a existência de kit de primeiros socorros na escola, 12 disseram que existe na secretaria, dois não sabiam dizer se existia e dois disseram que não, pois era só esparadrapo ou pouquíssimos materiais.

Quanto a estar preparado para agir em casos de emergências, cinco profissionais afirmaram se sentir preparados para prestar os primeiros socorros, enquanto 11 disseram que não – como justificativa surgiu a falta de conhecimento (n=6) ou não ter segurança para prestar ajuda (n=3). “Não me sinto preparado, porque não tenho treinamento e conhecimento sobre primeiros socorros. As informações que tenho foram adquiridas na escola” (Q8). “Não, pois faz muito tempo que recebi orientações e hoje muita coisa mudou” (Q12).

Sobre a segurança para realizar intervenções, dez participantes disseram se sentir confiantes em casos de contusões, cinco em desmaios, três em fraturas, três em hemorragias e cinco em nenhum dos casos. No entanto, 13 afirmaram não se sentirem preparados para atuar em fraturas, 12 em hemorragias, 11 em desmaios, seis em contusões e um afirmou sentir-se preparado para todas as situações. Dos 16 participantes, seis afirmaram nunca terem

deixado de prestar socorro por medo de cometer algum erro, dois afirmaram que já deixaram e oito não lembram.

Conhecimentos em primeiros socorros

Nesta parte do questionário foram descritas situações que necessitam de intervenção e questionado qual seria a conduta adotada, podendo ser assinalada mais de uma resposta. Quando perguntados sobre como facilitariam a respiração de uma criança com dificuldades respiratórias e sem nenhum sinal de fratura na coluna cervical, sete responderam que levantariam o queixo da vítima, dois levantariam a cabeça da vítima e encostando o queixo no tórax, seis sentariam a vítima e oito deixariam como está até a chegada de socorro. Em casos de parada cardiorrespiratória, nove fariam a massagem cardíaca sobre o osso do meio do tórax na altura dos mamilos, um faria em qualquer lugar do peito e seis não sabiam.

Quando questionados o que fariam em caso de uma contusão, sete responderam que elevariam o membro e aplicariam frio no local, cinco imobilizariam o membro ou local, cinco deixariam como está (ou seja, não movimentariam a vítima) e um respondeu que não sabia. Em casos de convulsões, dez responderam que afastariam a vítima de locais perigosos e protegeriam a cabeça, oito que virariam a cabeça da vítima de lado, um seguraria a língua até passar, um não tocaria nela até passar e quatro não souberam responder. Em casos de fratura de coluna cervical, oito disseram que imobilizariam a vítima deitada de costas e, se fosse necessário, moveria a vítima em bloco, não mexendo a cabeça, tronco, ou membros separadamente, enquanto o restante (sete) responderam que não sabiam o que fazer.

Sobre hemorragias, cinco responderam que estancariam o sangramento com pano limpo e se o ferimento fosse em um dos membros, elevariam e estenderiam o mesmo, três fariam torniquete (amarrar acima do local) e estancariam o sangue com pano limpo, um faria um torniquete e estenderia o membro até parar de sangrar, e seis não souberam responder. Por fim, em casos de desmaios, oito verificariam os sinais vitais, repousariam a vítima e tentariam acordá-la, cinco verificariam os sinais vitais, deitariam a vítima de costas e afrouxariam a roupa, um tentaria acordar a vítima, dar água para ela beber, arejá-la e dois não sabiam o que fazer.

Nesse estudo constatou-se que mesmo os profissionais que disseram se sentir confiantes para prestar os primeiros socorros desconhecem as condutas adequadas. Entre eles, somente um faria todas as condutas corretas. Dos casos apresentados, o que mais pessoas auxiliariam de maneira adequada seriam os casos de convulsões, seguidos por parada cardiorrespiratória, fratura na coluna cervical, contusão, dificuldade respiratória e, por fim, desmaios e hemorragias.

DISCUSSÃO

O perfil dos participantes é semelhante ao apresentado em outros estudos: majoritariamente mulheres, com prevalência de faixa etária compreendida entre 30 e 40 anos de idade, casada, com filhos, com mais de cinco anos de experiência profissional e que referem não ter treinamento em primeiros socorros ou, em caso afirmativo, ter obtido algum conhecimento

em primeiros socorros há mais de dez anos (ASSADECK *et al.*, 2020; MARTINS, A. *et al.*, 2018; SOARES; MAGALHÃES, 2012).

É comum educadoras depararem-se com situações de urgência e emergência em ambiente escolar e a maioria afirma ter prestado algum tipo de socorro nessas situações (RIBEIRO *et al.*, 2019; CARTAXO *et al.*, 2018; GALINDO NETO *et al.*, 2018; SANTOS; BOAVENTURA, 2018; MARTINS *et al.*, 2018; MARTINS, H. *et al.*, 2015). Ainda 96% desses profissionais sentem a necessidade de haver a abordagem de primeiros socorros na profissão (RIBEIRO *et al.*, 2019).

As educadoras desta pesquisa e de outros estudos realizados no Brasil, Índia e África, demonstram ciência em relação ao próprio despreparo para agir nas situações de urgência e emergência na escola. Em suma, há ausência de treinamento por parte da escola e reflete em despreparo das educadoras, causando situações de desconforto, por vezes traumáticas e permeadas por sentimentos negativos (GALINDO NETO *et al.*, 2018; SANTOS; BOAVENTURA, 2018).

Ademais, aponta-se déficit de conhecimentos das educadoras do Brasil na temática primeiros socorros, assim como estudos da Nigéria e China mostraram realidade semelhante com professores, especialmente no tema ressuscitação cardiorrespiratória (GALINDO NETO *et al.*, 2018; HUNG *et al.*, 2017; ONYEASO; ONYEASO, 2017).

Um estudo também identificou junto às educadoras baixo domínio nos procedimentos de primeiros socorros. Quanto ao manejo, a pesquisa apontou que 32% possuíam o domínio correto dos procedimentos, enquanto 31% não possuíam manejo adequado, 11% afirmaram que diante dessas situações procuram a direção e não efetuam nenhum procedimento enquanto 25% não souberam responder qual a conduta correta a ser tomada (RIBEIRO *et al.*, 2019).

Em situações de urgência/emergência, ter o conhecimento prévio para avaliar a vítima e realizar um atendimento precoce reduz o risco de sequelas futuras e aumenta as chances de vida da pessoa acidentada. Sendo assim, é fundamental que a população conheça as técnicas de primeiros socorros para prestar um atendimento inicial. Para as educadoras, essas técnicas são essenciais, visto que é comum que as crianças sofram pequenos acidentes no seu cotidiano escolar e que sejam as educadoras que presenciem estas cenas, tendo a necessidade de intervir e prestar um socorro adequado (ASSADECK *et al.*, 2020; GALINDO NETO *et al.*, 2018).

Tendo em vista esse contexto, é alarmante perceber que muitas educadoras apenas tiveram capacitações em primeiros socorros durante a vida acadêmica e que nunca receberam nenhuma capacitação sobre o assunto em seu ambiente de trabalho, mesmo acreditando ser necessária uma abordagem do assunto de maneira mais efetiva — tanto na formação acadêmica quanto na profissional (RIBEIRO *et al.*, 2019).

Um estudo realizado com educadoras de instituições de educação infantil do Distrito de Barão Geraldo em Campinas (SP) indicou por meio de autoavaliação que 48,39% dos participantes de sua pesquisa classificam os seus conhecimentos em primeiros socorros como muito limitados. Ainda, para os autores, o aprendizado adquirido em cursos de primeiros socorros é fator de extrema relevância, especialmente no âmbito da educação infantil (SANTOS; BOAVENTURA, 2018).

As educadoras sinalizam uma formação focada ao exercício da docência e pouco preparo no âmbito dos primeiros socorros. Acionam, no entanto, o serviço de atendimento pré-hospitalar móvel, o qual, muitas vezes, mostra-se como a única medida apontada frente

à necessidade de socorro (GALINDO NETO *et al.*, 2018). Segundo achados do estudo de Galindo Neto *et al.* (2018), apesar de os professores entrevistados informarem pouco preparo no âmbito dos primeiros socorros, destacaram a importância de acionar o serviço de atendimento pré-hospitalar móvel e de terem contemplado esse conteúdo desde a sua formação profissional e não apenas depois, no contexto de trabalho escolar.

Muitas condutas de primeiros socorros são conhecidas pelas educadoras pela experiência de cuidado com os próprios filhos, que adoecem e se acidentam na infância, levando os pais à busca por informações acerca da forma correta de socorrer. A maternidade ou paternidade é apresentada como fator motivacional para o empoderamento em primeiros socorros (GALINDO NETO *et al.*, 2018).

O empoderamento, um termo comum na área da saúde, se refere à participação ativa das pessoas nos processos decisórios, com o fortalecimento dos modos coletivos de planejamento e decisão nas ações de saúde. E, nesse âmbito, o Programa Saúde na Escola (PSE) é uma estratégia que contempla a intersectorialidade entre saúde e educação, a partir da atuação da Estratégia de Saúde da Família com alunos e professores no ambiente escolar, em atividades de diagnóstico e prevenção. O tema — primeiros socorros na escola — corrobora com as atividades que podem ser realizadas no PSE, por versar sobre um assunto relativo à saúde que é vivenciado na rotina escolar (GALINDO NETO *et al.*, 2018).

A escola, por sua vez, não pode fornecer qualquer medicação aos alunos, mas é fundamental que tenha um kit de primeiros socorros com itens como: gazes, ataduras, esparadrapo, soro fisiológico, tesoura, pinça, luvas descartáveis, entre outros, para que faça uma assepsia adequada em casos de pequenos acidentes e preste um melhor atendimento ao aluno vítima de acidente. Torna-se relevante que seja feito contato com enfermeiros do SAMU para que haja a orientação adequada (CABRAL *et al.*, 2020).

Pode-se perceber que a insegurança é um fator importante da não realização de primeiros socorros em situações que se fazem necessárias, sendo o principal motivo destacado a falta de conhecimento das técnicas, o que gera um medo de realizar uma conduta incorreta e que possa prejudicar ainda mais a vítima. Logo, as escolas procuram os pais para tomarem as decisões diante dos problemas relacionados à saúde dos alunos, mas, mesmo assim, é importante que educadoras conheçam as técnicas de primeiros socorros para agirem em situações de urgência/emergência em que a demora para entrar em contato com os pais da criança possa gerar prejuízo para ela (SOARES; MAGALHÃES, 2012).

Um estudo nacional, realizado no Piauí, relatou os sentimentos expressos pelas educadoras que expressaram sentimentos de angústia, preocupação e medo, devido ao fato de não saberem como agir em situação de emergência, que remetem ao risco de morte (GALINDO NETO *et al.*, 2018).

Em um relato de experiência das ações de extensão de um projeto da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, em uma capacitação sobre primeiros socorros em uma escola pública, observou-se que, para além das experiências profissionais das educadoras no ambiente escolar, muitas experiências em seu ambiente familiar e outros locais foram compartilhadas nas oficinas (MARTINS, A. *et al.*, 2018; MARTINS, H. *et al.*, 2015). Logo, a abrangência e relevância do tema desperta-se para além do escopo da atuação profissional na escola, percebido nas reações comportamentais de insegurança e angústia dos participantes, com faces de medo e olhares assustados diante dos temas.

Percebe-se uma relação íntima e o papel importante que a escola e a saúde exercem na sociedade. O PSE — operacionalizado pelos profissionais que atuam na ESF — aborda a

atuação conjunta entre saúde e educação com a finalidade de promover a saúde no ambiente escolar. Atividades e capacitações sobre primeiros socorros podem lograr parcerias exitosas entre esses dois equipamentos sociais (GALINDO NETO *et al.*, 2018).

Além da pouca habilidade das educadoras em prestar primeiros socorros, existe o medo e a insegurança para comunicar o fato aos familiares, no caso de acidentes (GALINDO NETO *et al.*, 2018). Tal situação revela, ainda mais, a importância de se trabalhar a saúde, educação e família, conforme recomendações do PSE.

Um dos acidentes mais frequentes em crianças é o trauma, o que corrobora com as respostas das educadoras sobre os acidentes mais comuns que já presenciaram na escola onde trabalham, quando destacam os traumas, fraturas e quedas (SOARES; MAGALHÃES, 2012).

Projeto de extensão desenvolvido por pesquisadores da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) realizou um levantamento junto à equipe de educadoras de escolas públicas para identificar quais temas seriam de interesse para capacitações no âmbito dos primeiros socorros. Os temas demandados foram convulsão, alergia alimentar, quedas e engasgo (MARTINS, A. *et al.*, 2018; MARTINS, H. *et al.*, 2015).

Divulgou-se uma ação de extensão realizada em três escolas públicas na cidade de Cajazeiras-PB (CARTAXO *et al.*, 2018). Os temas que emergiram das educadoras contemplaram engasgo, parada cardiorrespiratória, afogamento, desmaio, choque elétrico e hemorragias. Nota-se que os temas no âmbito dos primeiros socorros são diversos e as ações educativas devem respeitar dados epidemiológicos e particularidades em cada região do país.

No que diz respeito à conduta correta a ser adotada no caso de dificuldade respiratória, a *American Heart Association* (AHA), em suas diretrizes, ressalta que a obstrução da via aérea pela língua é uma situação comum em pacientes inconscientes e que quando a respiração for interrompida deve-se utilizar as manobras de desobstrução, elevando o queixo e inclinando a cabeça da vítima para trás. Quanto a técnica adequada em caso de parada cardiorrespiratória, a manobra de reanimação cardiopulmonar deve ser realizada colocando a base de uma mão no centro da vítima do tórax, na altura dos mamilos, e a outra mão sobre a primeira, entrelaçando os dedos, com cerca de 100 a 120 compressões por minuto.

As contusões, que são lesões provocadas por um impacto nos tecidos moles do corpo, são bastante comuns nas escolas, assim como as entorses (lesão dos ligamentos de uma articulação, sem que ocorra o deslocamento das superfícies articulares, conhecido também como torção) e luxações (deslocamento de um osso de sua articulação). Para estas três situações, os cuidados iniciais devem ser os mesmos: elevação do membro, dentro das possibilidades, para reduzir o edema e a sensação de latejamento, assim como, a aplicação de gelo ou compressa frias, também para a redução do edema, já que induz a vasoconstrição e reduz a dor (NEP – SAMU, 2013).

As convulsões são resultantes de uma descarga elétrica anormal que ocorre no cérebro, tendo como consequência uma contratura involuntária de todo o corpo ou de parte dele. Podem ser causadas por febre, infecção, ingestão de substâncias, distúrbios metabólicos, desequilíbrios hidroeletrolíticos, condições congênitas, entre outros. Segundo o comitê do AMLS (NAEMT, 2017), a conduta adequada em casos de convulsão é proteger a vítima, retirando objetos perigosos do entorno e se possível providenciar um acolchoamento (utilizando almofadas, casacos ou o que estiver disponível) para a cabeça. Segurar a língua da vítima, como muitos ainda acreditam ser necessário, é contraindicado, uma vez que devido às contrações involuntárias a pessoa pode morder e causar um ferimento nela mesma e na pessoa que está tentando prestar auxílio.

Quando abordado junto às educadoras as diferenças entre convulsões epilépticas e febris, foram destacados casos de ocorrência de convulsão subsequente ao impacto na cabeça por bola de futebol, crianças com epilepsia e situações de convulsão por febre muito alta (MARTINS, A. *et al.*, 2018; MARTINS, H. *et al.*, 2015). Sobre o cuidado prestado às crianças durante a convulsão, foi referido que as educadoras contam com o apoio de uma enfermeira na instituição, que dá suporte nos momentos de socorro. Conhecimentos populares foram refutados durante as oficinas, tais como segurar a língua com a mão ou outro objeto, de modo a impedir queda da língua, assim como o deslocamento imediato para o pronto socorro. Por fim, os autores destacam que os participantes das oficinas foram orientados quanto às condutas adequadas para cada situação e passaram a compreender os riscos de sequelas e danos a partir de condutas inadequadas (MARTINS, A. *et al.*, 2018; MARTINS, H. *et al.*, 2015).

Frente a necessidade de indicar uma conduta de socorro imediata a ser realizada, torna-se essencial que a comunidade escolar possua conhecimento em atendimento de Primeiros Socorros, visando à elaboração de estratégias de prevenção e ao atendimento de acidentes dentro das escolas, isso possibilita que esses profissionais se tornem aptos para identificar a gravidade das ocorrências e conectar o serviço especializado, agindo com calma, rapidez e eficácia, isso evita a manutenção do desconhecimento e conseqüente despreparo das educadoras em socorrer uma criança em convulsão, seja ela de origem febril ou não (CAMBOIN; FERNANDES, 2016). Em casos que educadoras se deparam com crianças em convulsão, reforça-se a importância de se manter a calma para proceder com a técnica adequada e prestar um primeiro socorro com segurança (MARTINS, A. *et al.*, 2018; MARTINS, H. *et al.*, 2015).

O comitê do *Prehospital Trauma Life Support* (PHTLS) indica que em casos de suspeita de fraturas na coluna cervical, o ideal é a imobilização da vítima em decúbito dorsal, fazendo inicialmente a estabilização manual da coluna cervical, alinhando a cabeça em uma posição neutra. A mobilização da vítima só deve ser realizada em últimos casos, sendo movido o corpo todo como um bloco, e não mexendo a cabeça, tronco, ou membros separadamente (NAEMT, 2017).

A hemorragia ocorre quando há lesão em um vaso sanguíneo, levando a um sangramento, ela pode ser interna ou externa. As hemorragias externas podem ser de três tipos: capilar (causada por escoriações que lesionam capilares minúsculos abaixo da superfície da pele e possuem rápida coagulação), venosas (proveniente de camadas mais profundas do tecido, em geral não ameaça a vida desde que seja controlada e não seja uma lesão grave) e arteriais (lesão em uma artéria, mais difícil de ser controlada, caracterizada por sangue vermelho vivo que jorra da ferida). Em casos de hemorragias venosas ou arteriais, o PHTLS ressalta que a conduta inicial a ser tomada é a compressão direta do local com panos limpos. Se o ferimento for em algum membro, a elevação do mesmo auxilia e estancar o sangramento. O torniquete é uma técnica que deve ser usada apenas como último recurso, visto que muitos o fazem de forma incorreta, o que pode acarretar diversos prejuízos à vítima, incluindo a amputação do membro (NAEMT, 2017).

A síncope, ou desmaio, é causada por uma oxigenação insuficiente no cérebro e pode ser provocada por diversos motivos, tais como: jejum prolongado, emoção súbita, calor excessivo, ambiente fechado e quente, mudanças bruscas de posição, doenças, entre outros. Em casos de desmaios, é importante verificar os sinais vitais da vítima para garantir que ela esteja apresentando uma parada cardiorrespiratória. Em casos de síncope com a vítima em pé, é importante deitá-la de costas para evitar quedas e se possível elevar os membros inferiores, para melhorar o retorno venoso, é importante também afrouxar as roupas para facilitar

a respiração. Se a vítima estiver sentada, colocar a cabeça entre as pernas pelo mesmo motivo (MARTINS, A. *et al.*, 2018; MARTINS, H. *et al.*, 2015).

Estudo de Ribeiro *et al.* (2019) realizado com educadoras demonstrou que 92% dos participantes tinham conhecimento acerca de como agir diante de engasgos, enquanto diante de luxações e crises convulsivas, 52% e 40%, respectivamente, não apresentaram domínio dos procedimentos de primeiros socorros. Quando o aluno apresentava corte com sangramento intenso 36% relataram procurar a direção e 56% não sabem o que fazer em caso de parada cardiorrespiratória.

Por fim, grande parte das educadoras deste estudo desconhece as técnicas de primeiros socorros. Destaca-se a importância da realização de capacitações na temática, dada a vivência rotineira com acidentes na escola.

A educação em saúde na área de primeiros socorros é potencial para a prevenção de acidentes e o manejo adequado, podendo salvar vidas. Cabe salientar a importância da atualização de saberes de todos os colaboradores da escola, o envolvimento da unidade de saúde e o incentivo da gestão institucional. O conhecimento é transformador quando proporciona autonomia e segurança nas práticas e comportamentos dos profissionais que atuam com crianças (MARTINS, A. *et al.*, 2018; MARTINS, H. *et al.*, 2015).

Ao planejar treinamento em primeiros socorros para educadoras é relevante contemplar no conteúdo programático a identificação de riscos de acidentes que perpassam a sua cinemática, os determinantes alicerçados em concepções tradicionais do senso comum, assim como questões contemporâneas como aquelas relativas à estrutura familiar, papéis sociais dos pais e as relações de poder, que são fatores que incidem na educação e no comportamento de risco dos escolares (GALINDO NETO *et al.*, 2018).

Foi publicada uma iniciativa interessante que elaborou um mapa de risco de acidentes em uma escola pública e identificou quais os acidentes são mais prováveis de ocorrer em cada área apresentada e quais os primeiros socorros devem ser utilizados nessas situações (GONÇALVES, 2018). Esse trabalho colaborou ampliando a interface da escola com os equipamentos sociais e intersetoriais, sugerindo-se melhorias pontuais em áreas com maior risco e propondo capacitação das pessoas trabalhadoras em ambiente escolar.

As ações de extensão desenvolvidas, de modo geral, pelas universidades públicas junto aos equipamentos sociais — como a escola — promovem a sensibilização das educadoras quanto aos acidentes na infância e adolescência, bem como, integram ações de cuidado e educação em saúde. Capacitar pessoas na área de primeiros socorros tem impacto que se estende para os domicílios e comunidade, trazendo benefícios coletivos e tornando os ambientes mais seguros (MARTINS, A. *et al.*, 2018; MARTINS, H. *et al.*, 2015).

Os achados são relevantes para o contexto de urgência e emergência em ambiente escolar. Sugere-se que mais estudos sejam realizados nessa área, visto que o conhecimento em primeiros socorros é fundamental, salva vidas, mas, está em constante mudança e atualização.

Vale destacar que limitações deste estudo abrangem a amostra estudada e o fato de ser circunscrita a uma única escola. Logo, não é recomendável generalizar os achados deste estudo. A recomendação para os próximos estudos é aumentar o tamanho da amostra e abranger um número maior de espaços escolares para verificar se os fatores globais relacionados ao conhecimento em primeiros socorros das educadoras nas escolas são semelhantes ou diferentes, na tentativa de encontrar soluções estratégicas para melhorar o processo de aprendizagem desse conhecimento.

CONCLUSÃO

Os resultados da presente pesquisa diferem das exigências do atual paradigma com vistas à promoção da saúde, no qual a sociedade é empoderada em seu processo de vida. Os conhecimentos em primeiros socorros são fundamentais nos diferentes segmentos sociais, principalmente no âmbito escolar, propício para acidentes, dada a sua natureza.

O PSE é relevante para a realização do vínculo entre escola e Unidade Básica de Saúde, sendo fundamental para a equipe da Estratégia de Saúde da Família perceber as fragilidades e potencialidades na saúde escolar e elaborar propostas para atender as demandas das educadoras, neste caso, a necessidade de treinamento em primeiros socorros.

Nesse contexto, o presente artigo contribuiu para indicar a necessidade urgente do treinamento em primeiros socorros nas escolas, de forma a capacitar professores, alunos e funcionários em caso de uma necessidade de atendimento pré-hospitalar.

Referências

- ALSHAMMARI, K. O. Assessment of knowledge, attitude, and practice about first aid among male schoolteachers in Hail city. **Journal of Family Medicine and Primary Care**, [s. l.], v. 10, n. 1, p. 138-142, 2021. Disponível em: http://dx.doi.org/10.4103/jfmpc.jfmpc_1322_20. Acesso em: 2 set. 2022.
- ASSADECK, H. *et al.* Knowledge, attitudes, and practices with respect to epilepsy among primary and secondary school teachers in the city of Niamey, Niger. **Brain and Behavior**, Boston, v. 10, n. 3, e01539, 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1002/brb3.1539>. Acesso em: 3 set. 2022.
- CABRAL, C. C. O. *et al.* Quality of life of nurses from the mobile emergency care service. **Texto & Contexto - Enfermagem**, Florianópolis, v. 29, e20180100, 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1980-265x-tce-2018-0100>. Acesso em: 2 set. 2022.
- CAMBOIN, F. F.; FERNANDES, L. M. **Primeiros Socorros para o ambiente escolar**. Porto Alegre: Evangraf, 2016.
- CARTAXO, L. S. *et al.* Capacitações em urgência e emergência em escola municipal de Cajazeiras por grupos de primeira resposta. **Revista UFG**, Goiânia, v. 18, n. 24, p. 212-225, 2018. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/revistaufg/article/view/58609/33131>. Acesso em: 3 set. 2022.
- EICHEL J. S.; GOLDMAN, L. Safety makes sense: a program to prevent unintentional injuries in New York City public schools. **Journal of School Health**, Ohio, v. 71, n. 5, p. 180-183, 2001. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/j.1746-1561.2001.tb07312.x>. Acesso em: 24 out. 2022.
- GALINDO NETO, N. M. *et al.* Vivências de professores acerca dos primeiros socorros na escola. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, DF, v. 71, p. 1678-1684, 2018. Supl. 4. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/4KrgL3dM-BNXwGnBmdPjZSNJ/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 3 set. 2022.
- GONÇALVES, R. M. S. **Mapeamento das áreas de risco de acidentes em uma escola pública e os primeiros socorros devidos**. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Educação Física) – Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2018. Disponível em: <http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/handle/123456789/15821>. Acesso em: 8 set. 2022.
- HUNG, M. S. Y. *et al.* College students' knowledge and attitudes toward bystander cardiopulmonary resuscitation: a cross-sectional survey. **Cogent Medicine**, [s. l.], v. 4, n. 1, p. 1334408, 2017. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/pdf/10.1080/2331205X.2017.1334408?needAccess=true>. Acesso em: 6 set. 2022.
- MARTINS, H. S. *et al.* **Emergências clínicas: abordagem prática**. Barueri: Manole, 2015.
- MARTINS, A. S. *et al.* Oficinas de primeiros socorros em crianças com profissionais da educação: um relato de experiência. **Raízes e Rumos**, [s. l.], v. 6, n. 1, p. 87-95, 2018. Disponível em: <http://seer.unirio.br/raizerumos/article/view/7695>. Acesso em: 6 set. 2022.
- MOHAJERVATAN, A. *et al.* The efficacy of operational first aid training course in preschool children. **Health in Emergencies and Disasters Quarterly**, Tehran, v. 6, n. 1, p. 17-22, 2020. Disponível em: <http://hdq.uswr.ac.ir/article-1-300-en.html>. Acesso em: 2 set. 2022.
- NATIONAL ASSOCIATION OF EMERGENCY MEDICAL TECHNICIANS (NAEMT). **AMLS – Advanced Medical Life Support: Atendimento Pré-Hospitalar às Emergências Clínicas**. 2. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2017.
- NATIONAL ASSOCIATION OF EMERGENCY MEDICAL TECHNICIANS (NAEMT). **PHTLS: atendimento pré-hospitalar ao traumatizado**. 8. ed. Burlington: Jones & Bartlett Learning, 2017.

NÚCLEO DE EDUCAÇÃO PERMANENTE – SAMU (NEP – SAMU). Sistema Único de Saúde (SUS). **Manual de Primeiros Socorros para Leigos**. Porto Alegre: SAMU, 2013. Disponível em: http://lproweb.procempa.com.br/pmpa/prefoa/sma/usu_doc/samu.pdf. Acesso em: 8 set. 2022.

ONYEASO, A. O.; ONYEASO, O. O. Comparison of Practising and Student Teachers' Knowledge of Cardiopulmonary Resuscitation in Nigeria. **Public Health Research**, Southampton, v. 7, n. 6, p. 143-147, 2017. Disponível em: <http://article.sapub.org/10.5923.j.phr.20170706.03.html>. Acesso em: 6 set. 2022.

RIBEIRO, T. L. S. *et al.* Primeiros socorros: conhecimento dos professores de ensino fundamental I do município de Quixadá em situações de emergência no ambiente escolar. **Mostra Interdisciplinar do curso de Enfermagem**, [s. l.], v. 3, n. 1, 2019. Disponível em: <http://publicacoesacademicas.unicatolicaquixada.edu.br/index.php/mice/article/view/3190/2732>. Acesso em: 3 set. 2022.

SANTOS, A. S.; BOAVENTURA, A. P. Preparo de educadores para o atendimento de emergências em escolas municipais de educação infantil. **Revista dos Trabalhos de Iniciação Científica da UNICAMP**, Campinas, n. 26, p. 1, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.20396/revpibic26201864>. Acesso em: 6 set. 2022.

SENA, S. P.; RICAS, J.; VIANA, M. R. A. A percepção dos acidentes escolares por educadores do ensino fundamental, Belo Horizonte. **Revista Médica de Minas Gerais**, Belo Horizonte, v. 18, n. 4, p. S47-S54, 2008. Disponível em: <http://rmmg.org/artigo/detalhes/1400>. Acesso em: 2 set. 2022.

SOARES, M. C.; MAGALHÃES, C. M. Promoção da saúde nas escolas: estudo para contribuição do SAMU com as ações propostas pelas escolas promotoras da saúde. **Sinapse Múltipla**, Betim, v. 1, n. 2, p. 81-93, 2012. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/sinapsemultipla/article/view/3031>. Acesso em: 2 set. 2022.

Fonte de financiamento

Recursos próprios.

Contribuição dos autores

Felipa Rafaela Amadigi — concepção do estudo, coleta de dados, análise e interpretação dos dados, discussão dos resultados, redação e/ou revisão crítica do conteúdo, revisão e aprovação da versão final.

Thaila Antunes Plôencio — concepção do estudo, coleta de dados, análise e interpretação dos dados, discussão dos resultados, redação e/ou revisão crítica do conteúdo, revisão e aprovação da versão final.

Monica Motta Lino — análise e interpretação dos dados, discussão dos resultados, redação e/ou revisão crítica do conteúdo, revisão e aprovação da versão final.

Rosani Ramos Machado — discussão dos resultados, redação e/ou revisão crítica do conteúdo, revisão e aprovação da versão final.

Tanise Gonçalves de Freitas — redação e/ou revisão crítica do conteúdo, revisão e aprovação da versão final.

Recebido em: 07/10/2022

Aceito em: 08/11/2022